

IMAGEM, CRIAÇÃO E DIÁLOGO: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO NARRATIVA DAS CRIANÇAS

Adriana Hoffmann Fernandes¹
UERJ/PUC/CAPES

RESUMO

Esse texto tem como objetivo apresentar um aspecto relevante que apareceu ao longo da pesquisa de campo do Doutorado. A pesquisa tem como foco a investigação da produção narrativa das crianças e a questão que me orienta diz respeito à forma como as crianças estão construindo suas histórias na atualidade. Entendo a narrativa aqui como as histórias inventadas pelas crianças em situações que possibilitem a expressão de forma mais livre e para possibilitar esse momento de produção das crianças foram propostas 8 oficinas com duração de cerca de 2 meses e meio em três espaços diferenciados: uma escola pública, uma escola particular e um espaço cultural numa cidade serrana próxima à capital do estado do Rio de Janeiro. A oficina atendeu crianças de 7 a 11 anos em cada um dos espaços.

Procurarei trazer aqui, de forma breve, algumas das questões observadas e/ou vividas com elas para reflexão dialogando com o livro de Vigotsky que fala especificamente da imaginação e da arte na infância bem como com as reflexões de autores dos Estudos Culturais Latino-americanos como Néstor Canclini e Jesús Martín-Barbero. Interessa-nos aqui, neste momento, trazer uma análise de alguns aspectos das observações feitas durante o processo de produção narrativa das crianças em diálogo com o referencial teórico.

Palavras-chave: Infância, narrativa, mídia.

ABSTRACT

This text has the objective to present a relevant aspect that appeared along the fieldwork of the Doctorate. The research has the focus to investigate the narrative production of the children and the question that orients me concerns on how children are making their histories in the present time. I understand the narrative here as the histories invented by the children in situations that enables a more freely expression, and in order to make the moment of the children's story production happen, 8 workshops were proposed with duration of approximately two and a half months in three different environments: a public school, a private school and a cultural space in a mountain city near the capital of the state of Rio de Janeiro. The workshop attended children of 7 to 11 years old in each one of the environments.

I will try to bring here, briefly, some of the questions observed and/or experienced with them to make a reflection by dialoguing with Vigotsky's book that discuss specifically the imagination and the art in the childhood, as well as the reflections of authors of the Latin American Cultural Studies like Néstor Canclini and Jesús Martín-Barbero. Our interest here, in this moment, is to bring an analysis of some aspects of the observations that were made during the narrative process of the children, dialoguing with the theoretical background.

Key-words: Childhood, narrative, media.

¹ Doutoranda em Educação na UERJ, participante do grupo de pesquisa "Infância, Juventude e Indústria Cultural: sociedade, cultura e mediações" coordenado pela professora Maria Luiza Oswald. O artigo proposto foi elaborado a partir das leituras e discussões da disciplina "Psicologia e Educação" ministrada pela professora Sônia Kramer em 2008.1 na Pós-graduação em Educação da PUC-Rio.

Esse texto tem como objetivo refletir sobre aspectos relevantes a respeito da narrativa das crianças que apareceram ao longo de parte da pesquisa de campo do Doutorado realizada em 2007 dialogando com autores da linha sócio-histórica (Vigotski e Angel Pino) e com autores dos estudos culturais latino-americanos (Canclini e Barbero). A pesquisa tem como foco a investigação da produção narrativa das crianças.

Como apontam Amaro e Moreira (2001) o significado mais inclusivo de ‘narrativa’ refere-se a qualquer apresentação escrita ou oral. Porém, nesse estudo restringe-se o uso do termo para o que é expressado em forma de uma história. Ainda assim, como afirmam os autores, a narrativa pode referir-se ao processo de construção de uma história ou ao resultado do processo – também chamado de histórias ou contos. Neste sentido, o termo ‘narrativa’ pode ser equivalente a ‘história’. Sendo assim, as questões que me orientam nesse estudo referem-se à forma como as crianças estão construindo suas narrativas (entendidas como histórias) na atualidade. Que recursos elas utilizam nesse processo? Como a escrita aparece e que sentido parece ter para eles nesse contexto de produção narrativa?

Para ter acesso a essa produção narrativa em situações que possibilitassem a expressão de forma mais livre foram propostas 8 oficinas com duração de cerca de 2 meses e meio em três espaços diferenciados: uma escola pública, uma escola particular e um espaço cultural numa cidade serrana próxima à capital do estado do Rio de Janeiro. Em todos esses locais a oficina de narrativas acontecia como atividade extra. Assim, procurávamos oferecer diversos materiais que eles pudessem experimentar para depois criar as narrativas que quisessem com eles. A oficina atendeu crianças de 7 a 11 anos em cada um dos espaços.

Durante as oficinas foram feitas gravações das conversas das crianças, tiradas fotos dos momentos de criação e das produções deles que também foram escaneadas bem como, no final das oficinas foram realizadas pequenas entrevistas com algumas das crianças participantes.

Procurarei trazer aqui, de forma breve, algumas das questões observadas e/ou vividas com as crianças para reflexão. Interessa-nos aqui, neste momento, trazer uma análise inicial das observações feitas durante o processo de produção deles no diálogo com o referencial teórico escolhido focando, em especial, no pensamento de Vigotski a respeito da imaginação e da arte na infância trazendo nesse interim a contribuição dos demais autores apontados para pensar a tal questão no contexto midiático atual.

1. Narrativa e imagem – possíveis marcas do contexto de uma época

Nas conversas com as crianças durante seus processos de criação percebeu-se o quanto a imagem é marca de suas escolhas e até mesmo de sua forma de pensar, entender e imaginar as histórias. Conversando nas oficinas sobre o que seria uma história ou como definiriam uma boa história, as crianças assim se expressaram:

“História é uma história assim que a pessoa pode imaginar assim mais ou menos, colocando na cabeça da pessoa o que a pessoa acha para ficar mais interessante o que a pessoa ta contando não vendo. **Eu gosto de ficar vendo as coisas (...) como ler gibi porque a pessoa vai lendo aí vai mostrando mesmo tipo um vídeo e a pessoa vai fazendo na própria cabeça** imaginando como é que foi.” (Narley – escola pública)

“É bom ter desenho na história porque ta mostrando o que eu vou contar... (...) Eu **não gosto de ler história que não tem desenho**, acho muito feia (...) Toda preta e branca. Eu tenho que desenhar depois” (Diana - SESC)

Porque uma boa história ou a definição do que seria uma história passa pela imagem, pelo desenho, pelo “ver a história” como sendo algo mais forte do que o ouvir ou o ler? Barbero (2002) ressalta que hoje há toda uma reestruturação das funções das práticas culturais de memória, de saber, do imaginário e criação devido ao contexto social e cultural no qual essas crianças se formam.

Pino (2005) ressalta que a emergência das funções culturais no ser humano é explicitada por Vigotski quando fala no desenvolvimento cultural da criança. Ter o “ver” como critério de escolha está diretamente relacionado ao desenvolvimento cultural de tais crianças. Para isso, Pino relembra que Vigotski aponta em seus estudos que cada função em desenvolvimento aparece em cena duas vezes: uma vez no plano social e outra no plano pessoal, isto é, aparece primeiro entre pessoas (categoria interpsicológica) para depois aparecer no interior da criança (categoria intrapsicológica). Desta forma as funções culturais (ou funções superiores) surgem a partir da progressiva inserção da criança nas práticas sociais do seu meio cultural nas quais, pela mediação do outro, vai adquirindo a forma humana. Tal mediação do outro é entendida não somente pelo outro sujeito mas pelas produções culturais com as quais as crianças entram em contato desde que nascem.

As funções culturais com as quais as crianças criam e inventam suas histórias inscrevem-se na história social dos homens. E, sendo assim, esse vínculo cada vez maior das crianças com a imagem mas não com qualquer imagem estática mas,

principalmente, a audiovisual no qual “o contar supõe o ver” como presenciam na TV, no cinema como num vídeo parece ser algo relevante dentro do seu contexto social. Tal contato com histórias dessa forma faz parte das práticas das quais participa, dos modos como primeiro se relaciona como o mundo, até antes mesmo antes de ler e escrever. Isso é algo visível nos dias de hoje. Vemos o quanto as crianças na atualidade têm a TV, o vídeo, o computador e vídeo-game como suportes de leitura e relação com o mundo, muitas vezes anteriores ou mais presentes, do que sua relação com a escola, e muitas vezes com as práticas de leitura e escrita nos suportes tradicionais. Canclini (2008) discute que na atualidade ser leitor, espectador e internauta não são práticas separadas mas são, na verdade, práticas de uma mesma e única pessoa que migra de um espaço para outro, mescla usos e aprendizagens e constrói uma outra forma de ler entremeando todos os modos de ser leitor. As crianças já nascem nesse contexto de leitura de práticas diversas e entremeadas do qual a imagem audiovisual faz parte.

Como o próprio Vigotski nos diz “o homem é produto de sua época e de seu ambiente” e, sendo assim, essas crianças estão se formando num contexto de relação com a visão, num vínculo com a cultura da imagem que muitos de nós não entendemos pois fomos criados num contexto de maior relação com a cultura escrita. Essa divisão entre cultura da imagem e cultura letrada/escrita é algo que é discutível e que na verdade torna-se uma divisão apenas didática pois hoje é cada vez mais difícil separar imagem e escrita em campos diferentes. Canclini (idem) discute que cada vez mais “nos misturamos com outras culturas, não só pelas migrações. Na mesma pessoa combinam-se a leitura que se ouve num disco, livros escaneados, publicidade da televisão, iPods, enciclopédias digitais que mudam todo dia, uma variedade de imagens, textos saberes que formigam na palma da sua mão, com qual você liga o celular” (p. 12). A criança que nasce nesse contexto já “migra” e “mistura” escrita e imagem desde seus primeiros contatos com esse mundo.

Nesse caso, ocorre uma espécie de transposição da experiência coletiva (da cultura) para a do indivíduo numa conversão das funções sociais em funções pessoais de acordo com a teoria de Vigotski. Na verdade, a criação e a percepção da criança na atualidade constitui um processo histórico onde cada nova forma percebida se apóia nas precedentes. Por mais individual que pareça, toda criação, toda mudança encerra sempre um coeficiente social pois em todos sempre existe alguma colaboração anônima num processo de convívio coletivo de criação na cultura. Assim, é pela relação com os produtos da mídia e as outras crianças que elas adquirem habilidades e formas de

relação com a imagem diferentes das nossas que não tivemos esse contexto social e essas práticas em nossa formação. Isso permite que vejam de “outra forma” e tenham outros parâmetros de leitura e escrita.

Situação 1 (escola pública):

PESQ: O que cada um de vocês pensou para fazer as histórias que fizeram?

GUILHERME: Pensei num jogo que eu tenho...

PESQ: Pensou num jogo. É um jogo de quê?

OUTRO: É o SCS. É de tiro...

PESQ: Como é o jogo? É de vídeo-game?

GUILHERME: Não de computador...

OUTRO: É de luta...

Houve um tempo, nos lembra Barbero (2002) em que o caminho da emancipação passava quase que exclusivamente pela escrita mas como entender a alfabetização hoje quando muitas das informações que dão acesso ao saber passa pelas diversas redes e tramas da imagem e das sonoridades eletrônicas? Canclini (ibidem) ressalta que a expansão dos arquivos/produtos nos diferentes formatos digitais e audiovisuais deixa-nos disponíveis para pensar além do livro e da velha oposição entre leitura e imagens, mas nos deixa também sem os matrizes ou paradigmas que antes nos permitiam pensar a respeito. Para ele, não há porque lamentar que a exuberância de dados e a mistura de linguagens tenham feito ruir uma ordem ou um solo comum (a cultura letrada) que sempre foi apenas para poucos. O risco, bem lembrado por ele, está em que essa viagem digital errática nos impeça de renovar o assombro como caminho para um outro conhecimento.

Estamos diante de mudanças desorientadoras segundo Canclini pois desclassificam as classificações anteriores, as hierarquias instauradas criam hibridações num contexto fora das totalidades conhecidas e que muitos de nós não domina suficientemente para navegar e migrar com a tamanha facilidade com que o fazem as crianças. Vamos examinar alguns desses modos de expressão escolhidos por elas para contar histórias trazendo em parte algumas das questões presentes nesses processos que nos fazem pensar sobre a contemporaneidade.

2. “Como pode ser mais criativo?” : conflitos do processo de criação

Como nos lembra Pino (2005) atribuir significado é produzir cultura. É pelo significado que as crianças vão criando no convívio com seu grupo e, é também por ele, que vamos percebendo os impasses e o processo de acontecimento de uma idéia, de uma criação dentro de um determinado contexto. Ao longo das oficinas a questão da criação ou cópia apareceu durante as discussões e produções dos grupos. Vigotski (2007) chama de “atividade criadora toda realização humana criadora de algo novo, quer se trate de reflexos de algum objeto do mundo exterior, quer de determinadas construções do cérebro ou do sentimento que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano” (p. 7). Trago aqui dois momentos vividos na pesquisa na oficina da escola particular:

Na hora de fazer um personagem para a história, João Pedro pergunta: pode ser da minha cabeça? Respondo que pode. Logo depois vejo que olha para o desenho do Senninha numa das caixas de lápis de cor que coloquei no centro da roda em que estavam sentados na sala e me diz: “Vou desenhar o Senninha, pode?” “Mas você não disse que ia inventar?” “Ah, não sei...”

Como estavam desenhando no chão, a professora perguntou: “Vocês querem um livro para usar de apoio? A professora voltou trazendo alguns livros para desenhar em cima...” Com isso, eles comentaram: “O meu livro é de matemática, e o seu?” O meu é de português...” “O meu também...” Um pouco mais tarde a professora percebe que um dos meninos que ia fazer o carro como personagem está copiando o desenho do livro que servia de apoio para a folha... Vai lá e tira o livro para ele não copiar... (Trechos do caderno de campo – outubro de 2007)

Assim, a professora e eu estávamos entendendo, por vezes, cópia e criação/invenção como coisas separadas. No entanto, bem sabemos que copiar e criar fazem parte de um mesmo processo. Vigotski (2007) aponta que nesse processo de criação trabalhamos com dois tipos básicos de impulsos: um deles poderia se chamar de **reprodutor ou reprodutivo**, o qual está estreitamente vinculado à nossa memória; sua essência reside em que o homem reproduz ou repete normas de conduta já criadas e elaboradas ou ressuscita rastros de antigas impressões destas. Nestes casos, a atividade não cria algo novo, limitando-se fundamentalmente a repetir com maior ou menor precisão algo já existente. É o que aparentemente vimos nessa situação de produção inicial com as crianças. Observem outras duas situações abaixo:

Situação 1(escola particular):

MARIA CLARA: O Tia, eu posso fazer uma história mas só que é uma história que vc já sabe?

PESQ: Pode, se quiser pode.

Maria Clara conta que vai escrever a história de um filme que viu em casa... “Deu a louca na Chapeuzinho Vermelho...”

MARIA CLARA comenta com outra criança: Eu tô fazendo uma história que eu peguei na locadora...

Situação 2 (escola pública):

Sugeri a uma das meninas que nos dois encontros anteriores só tinha desenhado se não queria fazer uma história. Diante disso uma delas pegou um livro e me perguntou apontando para o livro: “Posso copiar?” Perguntei de volta: “Porque vc quer copiar?” “Porque estou sem idéia...” Depois de um tempo vi que uma delas copiava partes do livro e outra disse que escreveria uma história que ela conhece. Ela então começou a escrever a história dos três porquinhos...

No entanto, Vigotski ressalta que se a atividade da criança limitar-se a apenas conservar experiências anteriores ela não será capaz de ajustar-se às condições do meio que a rodeia. Desta forma, junto a essa função mantenedora das experiências passadas, o cérebro possui outra função menos básica pois, além da atividade reprodutora, realiza outra atividade em que combina e cria. Toda atividade humana que não se limite a reproduzir impressões vividas, mas que crie novas imagens, novas ações pertence a esta segunda função **criadora ou combinadora**. Na verdade percebemos em vários momentos que era dos elementos de cópia de algo conhecido que tiravam suas criações, como podemos perceber nestes trechos:

Situação 3(escola particular):

LUCA: Ele é um super-herói com super-poderes e é o cara de todos os super-heróis!!
(apresentando seu personagem para a turma para adivinharem)

OUTRO: Batman do futuro!

LUCA: Errou!!

OUTRO: Superman!!

LUCA: Errou!!

OUTRO: Batman!

LUCA: Eu inventei!!

OUTRO: Ah... Não vale!!

PESQ: Você inventou pensando em qual super-herói?

LUCA: Eu posso falar o nome?

PESQ: Pode.

LUCA: O nome dele é super-tudo!! Eu misturei com o cara que eu esqueci, com o Batman com os... e com o super-homem também que eu fiz a capa...

Situação 4(escola pública):

PESQ: Mas vc pensou nesse personagem porque? O que você pensou para fazer esse personagem?

JULIE: Peguei como é (nome de uma amiga) e (nome de outra) e juntei...

PESQ: Ah, ela pegou como as amigas são e colocou tudo num personagem...

Tais observações apontam que mesmo os que aparentemente estava copiando depois transformavam essa “cópia” combinando esses elementos iniciais com outros numa espécie de combinação criadora. Assim Vigotski (2007) chama a atenção para o fato de que existe criação em todo lugar em que o ser humano imagine, combine, modifique e crie algo novo. Na vida que nos rodeia cada dia existem todas as premissas necessárias para criar tudo o que existe e excede a rotina. Se entendermos desse modo a criação vemos que os processos criadores acontecem com todo o vigor desde a mais

tenra infância e poderemos perceber muito mais claramente os processos de criação que nos rodeiam. Em algumas discussões percebia-se mais claramente a questão da criação em debate...

Situação 5 (escola particular):

PABLO: Como se escreve centauro? O Cen...tau...ro... e... um vilão chamado... Não!

Chamado... Como pode ser mais criativo?

ZAIRA: Mais criativo? **É fazer coisas diferentes, não é ficar inventando nome não!!**

PABLO: É porque o boneco não tem nome, **a gente inventa...** A minha história tem um nome maluco!! Ele estava... Dinossauro tem nome de gente?

OUTRO: Cara, ce tá maluco?

ZAIRA: A minha tem nome lindo!

PABLO: **A gente gosta de inventar...**

JOÃO: Quero fazer a história ficar muito difícil!! Ele caiu no tufão...

PABLO: ...no furacão e... es...tava com... pé mecânico...

Muitas vezes por ver que a criança “copia” algo considera-se que sua produção é uma cópia mas se esta cópia estiver dentro de um contexto diferente do original já constitui, na verdade, uma criação, uma mudança do formato inicial ou do contexto original. Um nome de gente num dinossauro por exemplo...

Como bem nos lembra Vigotski (2007), a imaginação não cria algo do nada. As maiores fantasias (contos, lendas, sonhos, mitos...) não são nada mais do que novas combinações dos mesmos elementos tomados da realidade. A fala da menina de que ser criativo “é fazer coisas diferentes” e do menino que retruca dizendo que “se o boneco não tem nome, a gente inventa...” revela a dualidade entre a concepção de que inventar é fazer algo original, diferente, não existente na realidade - como na última das formas de relação entre fantasia e realidade apontadas por Vigotski - e a idéia de que tais imagens cobram realidade como os demais objetos e exercem influência no universo real que nos rodeia - daí o nome de gente num personagem fictício. Assim, o menino responde que ‘se ele não tem nome, tem que inventar’ nos apontando a realidade que conhece de que todos têm um nome e que, sendo assim, seu personagem também tinha que ter. Vigotski ressalta que nesse processo de combinação de fantasia e realidade a criança não combina em vão, sem sentido, usando as imagens da fantasia de forma arbitrária mas, pelo contrário, as combinações seguem uma lógica interna o que transparece no diálogo anterior das crianças.

Nesse embate do processo de criação em que estavam em pauta o “como fazer” e “o que fazer” a discussão da necessidade de copiar não era freqüente entre eles embora transparecesse nas produções que faziam. É o caso da situação a seguir:

Situação 6(escola pública):

Numa das oficinas um deles, Renan, escreveu uma poesia e perguntei porque pensou em fazer poesia. Ele disse que essa era uma poesia que a professora tinha lido em sala e no primeiro dia que ela leu ele decorou porque gostou muito. Assim escreveu essa poesia...

Na oficina seguinte quando Renan começou a ler sua poesia todos da turma repetiram-na juntos:

TODOS: O sol bate forte, bate na gente e etc lendo rápido como se fosse um trava-língua...

PESQ: Mas vocês todos conhecem essa poesia?

OUTROS: A gente decorou para a festa da poesia...

Não se discutiu e nem transpareceu que a história escrita por ele era “copiada” de uma poesia já conhecida da turma. No entanto, outras vezes nos diferentes espaços tal questão é mais claramente expressa e as falas deles demonstram uma preocupação com a cópia do outro:

Situação 7(escola particular):

VICTOR: E vocês **estão copiando** a gente!

PABLO: È... a gente falou de capítulo e ela falou “vamos fazer com capítulo?”

ZAYRA: E o que tem? Elas nem viram o de vocês...

Situação 8(escola pública):

PESQ: E você, Ricardo, como está fazendo?

RICARDO: Eu vi a história já inventada e **pensei em inventar igual** (copiou a história que já existia)

“Inventar igual” parece ser uma junção da cópia e da criação numa mesma produção. Por vezes, devido a isso eu trouxe a questão do “copiar e criar” que já tinha surgido em várias situações faladas ou observadas para debate com eles para ver o que surgia:

Situação 9 (escola pública):

PESQ: Eu vi que alguns que fizeram a historia do bloquinho tiveram dúvidas e me pediram para emprestar o bloquinho para ver como é que é... O Ricardo e Renan começaram a copiar o desenho do que já tem aqui... A Açucena, que não está aqui hoje, começou a copiar o do outro...

RENAN: O da escola...

PESQ: Isso...O da escola... Porque vocês copiaram? O que é mais fácil: copiar ou inventar?

RICARDO: Copiar...

THAINA: Inventar...

(falam alternadamente)

PESQ: Quem acha que copiar é mais fácil levanta o dedo!

Conto 6 deles...

È melhor copiar... (a maioria fala do copiar)

Inventar... (outros respondem)

PESQ: Inventar é mais fácil?

RENAN: Não, **copiar é mais fácil...**

NARLEY: A pessoa pode não fazer muito difícil mas talvez o desenho quando for copiar tá mais difícil para copiar...

PESQ: Tá bom. Então vc pode fazer [a historia do] bloquinho funcionando mas com um desenho mais fácil...È isso? Mas o que os que copiaram pensaram? Qual foi a idéia? Deviam estar com uma idéia na cabeça...

RENAN: **Eu não sabia que desenho ia fazer aí eu vi o livrinho e tentei fazer igual...**

OUTRO: Mas ele já fez uma vez...

RENAN: Eu já fiz um em casa e agora estou fazendo aqui... **Só que o de casa copiei do meu gibi...**

Interessante perceber como Renan expressa-se inicialmente pela cópia, utilizando sempre um modelo, para fazer algo novo. Vigotski nos ajuda a pensar no início desse processo criador no qual, segundo ele, a percepção externa e interna serve de base à experiência criadora. Os primeiros pontos de apoio que encontra a criança para sua futura criação é o que vê e ouve, acumulando aspectos deles que logo usará para construir sua fantasia. Mais tarde para elaborar esses materiais fará associações e dissociações das impressões percebidas. Tal como soubemos por tal autor a criança para criar precisa estar em relação direta com a riqueza e a variedade de experiências acumuladas pelo homem porque é com base nessa experiência que se erige a fantasia.

Talvez algumas crianças ainda estejam gestando seu processo criador alimentando-se das novas experiências para, mais adiante, criarem histórias com as possibilidades de combinações surgidas. Renan está experimentando, colhendo impressões e percepções que ampliarão sua capacidade de criar não mais necessitando tanto do apoio de modelos anteriores. Como nos diz Vigotski (2007), sua criação partirá dos níveis alcançados anteriormente e se apoiará nas possibilidades que existem também fora dele, no universo social do qual faz parte. Como ele afirma: “toda atividade imaginativa tem sempre uma história atrás de si. O que chamamos de criação não deixa de ser um parto que é consequência de uma longa gestação.” (p. 31) Isso nos mostra como o processo de criação é doloroso, complexo e lento.

Situação 10 (escola pública):

GUILHERME: Eu quero desenhar o outro...

WELLINGTON: Olha, ele está desenhando...

GUILHERME: Mas eu não sei esta história...

WELLINGTON: Posso desenhar?

RENAN: O Tia não sei como é que é o bonequinho da história...

GUILHERME: Mas eu não sei inventar história...

Situação 11(escola particular):

PESQ: Me conta como está a história de vocês aí?

CLARA: A gente tá copiando...

PESQ: Copiando? Porque vocês estão copiando do livro?

CLARA: Ah, não sei... porque a gente quer...

PESQ: Vocês podem se inspirar no livro e fazer uma outra coisa...

CLARA: Mas a gente tá sem idéias...

Na verdade, tudo o que sofre esse pobre espírito dolorido não se diferencia em nada das torturas que experimenta o poeta e pensador quando afirma “me faltam palavras...”, dificuldade que todos nós experimentamos num processo criativo.

3. Os impasses da criação - a construção com o outro

Nesse processo de criação vimos que se hibridizam o copiar e o criar. Também aparecem os impasses de como fazer, o que fazer e a relação com o outro é mediadora e constituidora do processo. O outro pode ser aquele que ajuda a ir em frente, levando adiante um processo de criação conjunta como também o outro pode ser aquele que impede que a criação aconteça, colocando impedimentos para a sua realização.

Um aspecto percebido nas oficinas, de forma geral, foi a dificuldade inicial do processo, do como iniciar ou fazer uma história. Lemos e ouvimos histórias, trocamos idéias, pensamos muito mas isso tudo nunca parecia ser suficiente. E, assim, a conversa corria solta muitas vezes por sugestão deles como transparece na situação abaixo:

Situação 1 (escola pública):

PESQ: Como a gente pode pensar para fazer a história?

OUTRO: Debatendo...

PESQ: Debatendo como?

OUTRO: Falando... Sobre a história... Conversando com o colega...

PESQ: Ai vocês querem fazer o quê? Se juntar com o colega para trocar idéia...

ALGUNS GRITAM: Eu quero!! Eu quero!!

Assim, no desenvolvimento cultural da criança as coisas que a rodeiam e suas próprias ações adquirirão significação para ela através do significado que tiveram para o Outro. Ninguém é totalmente auto-suficiente a ponto de poder prescindir do Outro. È dessa forma que a criança vai se apropriando dos meios simbólicos que lhe abrem o acesso ao mundo da cultura e podendo construir algo com eles. Vejamos esse diálogo:

Situação 2 (escola particular):

MARIA CLARA: A minha história é a Cidade do Doce...

PESQ: A Cidade do doce, legal!! E o que acontecia nessa cidade?

MARIA CLARA: Tudo era de doce... Todo mundo comia doce...

CLARA: Está parecendo João e Maria...

PESQ: Então ela está se inspirando numa história para inventar outra... Mas nessa cidade tinha alguma coisa... E imagine o que acontecia nessa cidade quando chovia?

MARIA CLARA: As coisas derretiam...

PESQ: ...e quando fazia calor?

MARIA CLARA: Não sei... Podia ser como no congelador...

PESQ: Numa cidade qualquer... (falo lendo o início da história da Maria Clara...)

CLARA: Igual às outras... Olha, Maria Clara, como eu estou fazendo... (mostrando a sua história)

OUTRA: Vai ser uma floresta enorme...

MARIA CLARA: Olha o meu... É a cidade do doce... Tudo era de doce... (mostrando para o colega...)

PABLO: Hum...

MARIA CLARA: O rio era de laranja...

PABLO: Não, suco de Maracujá...

ZAYRA: E tinha pirulitos...

OUTRO: Os rios de açúcar... Que tal um rio de açúcar?

CLARA: A neve era açúcar...

OUTRO: Fumaça de açúcar...

Nas conversas registradas algumas vezes transparecem as dúvidas e as dificuldades da criação inicial. Nessa conversa entre Davi e Narley percebe-se os impasses dessa construção:

Situação 3 (escola pública):

NARLEY: A gente tem que chamar a professora...

“Tá difícil, hein?” comentam entre si. “É verdade!”

DAVI: Ei, a gente desenha uma história em quadrinho... Sabe desenhar, não sabe?

NARLEY: Sei

DAVI: Então, a gente vai desenhando a história em quadrinho...

NARLEY: Acho que história em quadrinho vai ficar muito esquisito... Acho que é melhor cada um dar uma opinião certa, quando eu digo assim, a gente tem que desenhar tipo o desenho grande que a gente desenhamos porque assim... vai ter um início...

DAVI: Pô, vamos fazer quadrinho fica bem melhor...

NARLEY: Pode ser em quadrinho mas... a última vez que eu fiz desenho em quadrinho ficou muito ruim...

DAVI: Pô, demoro! Mas vc acha difícil desenhar?

Chego perto deles e pergunto: Como vocês vão fazer uma história com esses personagens?

“A gente vai desenhar ou vai escrever?” perguntam eles.

PESQ: Pensem como vocês acham melhor...

NARLEY: Estamos fazendo o quadrinho para começar nosso desenho em quadrinho...

Expressam-se aí as “torturas da criação” de que nos fala Vigotski. Citando Ribaud (apud Vigotski, 2007) os homens sempre desejam alguma coisa e sempre inventam para um fim determinado. A imaginação criadora trata de apoiar-se em atos que não existam tão somente para seu autor como também para todos os demais. Sendo assim, o conversar, criar junto ganha um sentido no processo criador. Da mesma forma, a idéia inicial que havia surgido com o outro perdia sentido na ausência do colega na oficina seguinte...

NARLEY: Não vou mais fazer em quadrinhos...

PESQ: Porquê?

NARLEY: Porque isso foi idéia do Davi e ele não veio hoje...

Uma outra situação surgida entre as crianças também aponta para esse processo de construção com o outro. No momento da criação os dois meninos que se juntaram conversam:

Situação 4 (escola particular):

IAGO: A nossa [historia] tem duas partes... Entendeu, como? O Pablo, entendeu? (os dois combinam de fazer a história juntos)

PABLO: A minha é sem fim... Não é maneiro?

PESQ: Quero ver a história de vocês dois!! (falando com Pablo e Iago que até o momento não haviam terminado nenhuma história nas oficinas)

IAGO: Ó Pablo, o que você fez na história?

Os dois se alternavam a cada vez um ia escrevendo por vez...

PABLO: O... ele... era... normal...

IAGO: Eu vou fazer assim... Vou botar o nome deles dois e depois vou fazer aqui pequeno...

PABLO: De dia...

IAGO: É separado, tá?

PABLO: È com hífen, Iago!
 IAGO: De dia... o quê?
 PABLO: De dia ele...
 IAGO: Era uma vez um homem que de dia ele... E de noite... ele... virava...
 OUTRO: Posso fazer história com vocês?(sem resposta e o menino que pergunta vai embora...)
 IAGO: E... errei!
 PABLO: Ah, cara! E de noite virava outra coisa...
 IAGO: È minha história! (foi ele que começou a história e o Pablo entrou depois...)
 PABLO: Esse daqui ó, era o negócio...
 Com o impasse, os dois se dividiram: um desenhava enquanto o outro escrevia...
 IAGO: Essa gosma ela é... dura... e se aperta muito, ela mata... Olha aqui, ó! Argh!! Ela parte ao meio...
 PABLO: ...parte aqui na cintura...
 IAGO: ...a parte da cabeça fica para baixo...
 PABLO: A gosma não arranca...
 IAGO: Mas a minha também é muito forte... Ela pode fazer...
 PABLO: A minha também é muito forte!!
 PESQ: Deixa eu ver aqui... (começo lendo a história com eles) Era uma vez um homem que de dia era normal e de noite ele era uma...
 OS DOIS: ... gosma do mal...
 PESQ: Muito legal! Ai, e como é que continua?
 IAGO: Ele pode atacar, pode olhar para lá, para lá e para cima... também... (fala mostrando o desenho feito)

No entanto, na oficina seguinte os dois não se entenderam mais e Iago dizia que Pablo não podia fazer algumas coisas “na sua história”. Separaram-se e cada um resolveu fazer uma história separadamente. A dificuldade para trabalhar com o outro sempre foi um desafio constante em vários grupos. O outro ou era o líder e sem ele não tinha história ou a história virava outra diferente da idéia inicial ou o outro era o que tinha idéias divergentes e acabavam separando-se por discordarem em suas idéias. O autor ressalta que a idéia da relação “eu-Outro” é o fundamento da constituição cultural do ser humano. O significado das próprias ações passa pela significação que o Outro lhe atribui. Ao sonhar e pensar a história existe um contexto em que só os participantes deste podem sonhar ou pensar desta ou daquela maneira em função da posição que ocupam em suas relações sociais.

As relações sociais constituidoras do ser são mediadas pela palavra através da qual o Outro torna-se parte da pessoa. Nem sempre o desafio de fazer com o Outro era impedimento para o não surgimento de algo coletivo. Assim algumas duplas conseguiam fazer a história juntas de forma produtiva como é o caso desta:

Situação 5(escola pública):

PESQ: Como vc vai começar?

MARINA: Eu ainda não sei...

THAINÁ: Eu vou fazer a história toda e você desenha... O Pinóquio tinha um bichinho de estimação...

MARINA: Sempre começa com “Era uma vez”?

THAINÁ: O pinóquio foi passear quando... foram passear perto da floresta... e ele...

MARINA: Que floresta? Foram passear na floresta negra?

THAINA: È...

MARINA: Então foram passear a na floresta negra...

THAINA: E quando estavam na floresta... ele estava com calor... Ela continua... Encontraram e foi deitar-se na sombra... embaixo da árvore caiu... Vai!! (fala para a sua dupla escrever...)

MARINA: Preciso de uma borracha! Ele foi deitar em uma sombra?

THAINA: É...

MARINA: ...quando... e ele acabou caindo no sono... (uma fala e outra escreve falando pausadamente o que a outra diz)

THAINA: Caindo no sono... (repete escrevendo)

MARINA: Quando acordou...

THAINA: A... cor...doou... (repete escrevendo)

MARINA: Ele não estava lá...

THAINA: E foi à procura dele... Me empresta a borracha!!

MARINA: E aí? É “ procura dele”...

THAINA: Ele correu mais e encontrou...

As duas param e lêem baixinho o que já escreveram... Agora é você! Me chamam para mostrar... Leio em voz baixa junto com elas e digo que estão indo muito bem para continuarem a história...

THAINA: O monstro... (falando e escrevendo...) o Mons... tro...

MARINA: A gente ta terminando a história...

Uma das relações entre imaginação e realidade, segundo Vigotski, é o vínculo emocional. Todo sentimento e emoção tende a manifestar-se de determinada forma nas criações. Quando essas emoções que fazem parte do processo criativo são concordantes a dupla consegue fazer junto o que não acontece quando as emoções a respeito da história são discordantes, o que impede a continuidade da parceria com o outro nesse processo e começam as brigas...

Os significados que surgem na relação com o Outro são formações dinâmicas e evoluem ao longo da história dos povos e também ao longo do desenvolvimento da criança; o que mostra que as línguas e seus usos não são estáticos mas produções históricas. A fala não é uma produção do indivíduo mas um evento que é resultado de uma interação social. È esse caráter de interação que faz da fala lugar de produção de sentidos, veiculando significados socialmente instituídos ao longo da história dos povos que permitem a emergência de múltiplos sentidos em função da realidade pessoal dos interlocutores e das condições concretas em que ocorre tal interlocução.

Considerações finais

Sabemos o quanto a narrativa está presente na vida das crianças desde cedo, o quanto as crianças na Educação Infantil constroem monólogos e histórias quando brincam, quando vão dormir ou estão sozinhas. Depois à medida que crescem, como comentam também Amaro e Moreira, a maioria das brincadeiras delas baseia-se numa

narrativa implícita ou gera uma narrativa na forma de descrição de suas ações. Sendo assim, as crianças ouvem e contam uma variedade cada vez maior de histórias ao longo de sua formação. No entanto, como bem percebemos, as histórias que hoje as constituem não estão apenas nos livros, mas também na TV, no vídeo, nos jogos eletrônicos, na internet, nas histórias em quadrinhos sendo muitos os meios de se ter contato com histórias na atualidade.

Remetendo-nos ao início desse artigo e à percepção de que as imagens da cultura atual ou seus parâmetros estejam sendo, de alguma forma, constituidoras do processo narrativo das crianças da atualidade articulamos que esse vínculo maior com a imagem, pode nos remeter ao que nos dizem Canclini e Barbero sobre as reconfigurações da cultura na atualidade.

Percebemos que desde a compreensão do que é uma história até o processo de criação das mesmas é nítido o envolvimento das crianças com a cultura midiática atual. Assim, os processos de criação e cópia surgidos nas oficinas discutidos com as crianças e os avanços e recuos na relação eu-outro percebidos na produção das histórias remetem, muitas vezes, para o contexto cultural com o qual elas convivem na atualidade. Aspectos que Vigotski nos ajudou a olhar com mais cuidado. Importante o viés de Vigotski (2007) quando nos diz que a lei básica da arte criadora infantil não reside no resultado (produto da obra criadora) mas no processo mesmo de produção. E foi esse processo que foi relatado aqui com todas as suas ambigüidades e certezas.

Neste estudo mostra-se que o convívio das crianças com o contexto midiático atual não as impede de serem criativas e produtoras de cultura na relação com seu grupo interagindo com seus pares e sua cultura diante dos impasses surgidos e das possibilidades de criação e escolhas feitas. Desafio que faz a escola repensar seu modo de conceber as crianças diante da cultura de consumo atual.

Referências bibliográficas

AMARO, Ana Carla e MOREIRA, Antonio. *Quando as crianças contam histórias: compreensão dos processos de estruturação de histórias contadas por crianças do 1º C. E. B. para a construção de um guião de uma ferramenta informática.* Anais da II Conferência Internacional Challenges 2001/desafios 2001.

BARBERO, Jesus Martin. *La educación desde la comunicación.* Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKI, L. S. *La imaginación y el arte em la infância*. Madrid; Espana: Ediciones Akal, 2007.